

Paulo Robério Ferreira Silva

*História
de
Manga - I*



Rfb
Editora

HISTÓRIA DE MANGA - I

© 2023 Edição brasileira
by RFB Editora
© 2023 Texto
by Autor
Todos os direitos reservados

* Proibida a reprodução gráfica deste livro, exceto com a autorização prévia e expressa do autor.

* Permitida a reprodução do conteúdo deste livro com a citação da fonte:

SILVA, Paulo Robério Ferreira. História de Manga I. Belém: RFB, 2023.

Editor-Chefe

Prof. Dr. Ednilson Souza

Diagramação, capa e projeto gráfico

Paulo Robério Ferreira Silva

Revisão de texto

Andreia Lima

Bibliotecária

Janaina Karina Alves Trigo Ramos

Produtor editorial

Nazareno Da Luz

DOI: 10.46898/rfb.81e7fab1-eb94-47d0-8b8a-3d0740ff87b1

Catálogo na publicação

Elaborada por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

S586h

Silva, Paulo Robério Ferreira

História de Manga - I / Paulo Robério Ferreira Silva. – Belém: RFB, 2023.

58 p., fotos.; 16 X 23 cm

ISBN 978-65-5889-519-0

1. Manga/MG - História. I. Silva, Paulo Robério Ferreira. II. Título.

CDD 981.51

Índice para catálogo sistemático

I. Manga/MG - História



Todo o conteúdo apresentado neste livro é de responsabilidade do(s) autor(es).
Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-SemDerivações 4.0 Internacional.

Conselho Editorial

Prof. Dr. Ednilson Sergio Ramalho de Souza - UFOPA
(Editor-Chefe)

Prof. Dr. Laecio Nobre de Macedo-UFMA

Prof. Dr. Aldrin Vianna de Santana-UNIFAP

Prof^a. Dr^a. Raquel Silvano Almeida-Unespar

Prof. Dr. Carlos Erick Brito de Sousa-UFMA

Prof^a. Dr^a. Ilka Kassandra Pereira Belfort-Faculdade Laboro

Prof^a. Dr. Renata Cristina Lopes Andrade-FURG

Prof. Dr. Elias Rocha Gonçalves-IFF

Prof. Dr. Clézio dos Santos-UFRRJ

Prof. Dr. Rodrigo Luiz Fabri-UFJF

Prof. Dr. Manoel dos Santos Costa-IEMA

Prof.^a Dr^a. Isabella Macário Ferro Cavalcanti-UFPE

Prof. Dr. Rodolfo Maduro Almeida-UFOPA

Prof. Dr. Deivid Alex dos Santos-UEL

Prof.^a Dr^a. Maria de Fatima Vilhena da Silva-UFPA

Prof.^a Dr^a. Dayse Marinho Martins-IEMA

Prof. Dr. Daniel Tarciso Martins Pereira-UFAM

Prof.^a Dr^a. Elane da Silva Barbosa-UERN

Prof. Dr. Piter Anderson Severino de Jesus-Université Aix Marseille

*Em homenagem a Dona Crecência,
a Dona Morena, a Dona Dazinha
e a Dona Dita.*

Aos manguenses.

SUMÁRIO

As homenageadas, 6

O autor, 8

Apresentação, 10

Prefácio, 12

Introdução, 14

1. Manga: atual e histórica, 16

2. Manga e suas origens, 21

3. Criação do município, 26

4. A primeira metade do século XX, 30

5. A segunda metade do século XX, 33

6. O retorno do futuro (século XXI), 36

7. Prefeitos de Manga, 38

8. Todo manguense falando inglês, 42

Referências, 45

Galeria de imagens, 48

AS HOMENAGEADAS

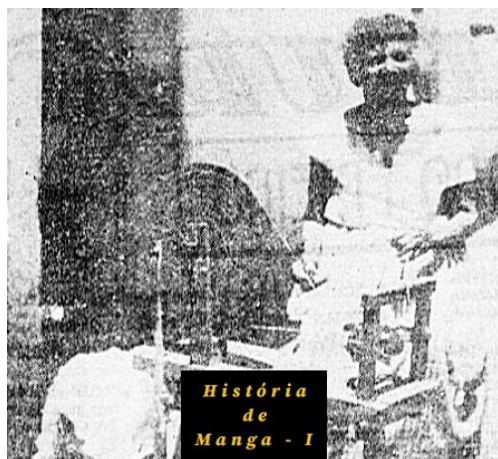


Figura 1: Crecência (1939). Ex-escravizada que viveu em Manga. Fonte: acervo do autor.



Figura 2: Dona Morena (Virgínia de Souza Santos) (2009). Fonte: acervo do autor.



Figura 3: Dona Dita (Benedita Ribeiro dos Santos Silva). Fonte: acervo da família.



Figura 4: Dona Dazinha (Idália Ferreira Dutra). Fonte: acervo da família.

O AUTOR

As águas de cá me trouxeram de lá.

Nasci nas barrancas do Rio São Francisco em Pão de Açúcar, Alagoas. No despertar, o prazer de sentir o Opará, o rio mar, e toda sua beleza,



encanto e mistérios. E foi por essas coisas que não se explicam, que de uma barranca a outra, ou seja, do Sertão alagoano para Manga foi apenas uma questão de poucos anos.

E nesses anos das barrancas de Manga, tudo foi sempre tão familiar, tão carregado de sentidos, que não ter nascido aqui nunca foi motivo para impedir de dizer que também sou manguense, como todos, os nascidos aqui ou não, somos.

Por isso, durante cerca de vinte anos de pesquisa, Manga e esta bela e intrigante região, o Sertão do Rio São Francisco no Norte de Minas, têm sido os motivos para buscar respostas para estas múltiplas identidades que nos habita, desde o ser manguense e norte-mineiro/baiano/mineiro ao ser brasileiro e latino-americano.

Atualmente, no doutorado do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social (PPGDS) da Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES) estudo o protagonismo em subalternidade dos que fizeram a Sociedade dos Currais, entre fins do século XVII e início do XVIII; sou Mestre em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC/Minas); Especialista em História e Cultura Afro-brasileira pela PUC/Minas e Historiador pela Faculdade de Formação de Professores de Belo Jardim (FABEJA) de Belo Jardim, PE.

APRESENTAÇÃO

Um livro normalmente tem um ou poucos autores e autoras; talvez não devesse ter nenhum, porque o livro é, no mais das vezes, feito por tantos autores e autoras que se torna difícil saber quem realmente eles são. São esses e essas que aparecem em suas páginas, explícita ou implicitamente que, de fato, deveriam receber os créditos pela reprodução das histórias, por não deixar o passado morrer e por nos alentar em relação ao futuro que tende a nos escapar por flertar sempre com o incerto.

Este livro é desses todos, autores/as e atores/as que há 12 milênios fazem esta história. Como um presente, pude escrever estas páginas, pelo prazer de quase 20 anos de pesquisa.

História de Manga I - Neste, procuro contribuir para tornar mais bem compreensíveis alguns pontos fundamentais de nossa história. Longe, no entanto, da pretensão do esgotamento dos temas, afinal, as histórias se constroem em sentidos de liberdade e emancipação

quando apropriadas e significadas por seus atores e autores.

História de Manga II - Este, além de todos os ingredientes citados acima, é também resultado dos estudos acadêmicos que venho realizando neste período. Desde as primeiras perguntas e questionamentos, ainda na primeira década deste século até os estudos decoloniais, muito tenho aprendido com a história de Manga e do Norte de Minas. Por isso, trata-se de outro presente a oportunidade de, assim como nas águas do Velho Chico, mergulhar em sua história, ou melhor, no seu passado para também participar da construção de seu futuro, nestes sempre fluídos presentes.

PREFÁCIO

história, fronteira e identidade

As fronteiras são estes lugares indefinidos e de difíceis apreensões. Tanto é que não nos damos conta, no mais das vezes, que estamos sempre nelas.

Estas fronteiras são os lugares de conexões. Considerando que a existência humana é pautada nas relações sociais e nas interações que realizamos com o mundo que nos cerca, as fronteiras, quando conscientemente apreendidas, podem ser tomadas como privilégio.

Nós, os manguenses, nascidos neste torrão ou não, habitamos as fronteiras em que as nossas identidades - ainda dispersas e fugidias - conectam o passado ao futuro pelas tensões do presente.

Estar nestas fronteiras demanda, como sutilmente apreendeu o escritor martinicano, Édouard Glissant, aprender e reaprender para conceber o mundo a partir de quem realmente nós somos.

E este “somos”, como postulou o semiólogo argentino, Walter Mignolo, não se reduz às particularidades e singularidades, mas às conexões dos nossos mundos ao global por meio das relações pluriversais, ou seja, dessas múltiplas condições de sujeitos individuais/coletivos em interações horizontais sem a violência das hierarquizações.

Dizendo de outro modo, nas histórias manguenses, localizadas nas tensões de fronteira, em que se conectam o local e o global, estão as nossas identidades que em muito vão nos ensinando a (re)construir o mundo que efetivamente desejamos: aquele feito para todos nós, indistintamente.

INTRODUÇÃO

O jamaicano, Peter Tosh, em show em Los Angeles, California, EUA, em meados da década de 1980, disse: “o bom é que nem a metade da história foi contada ainda”. Para este *reggae man*, a história não contada foi a daqueles e daquelas que foram empurrados para a condição de coadjuvantes da história.

A história de Manga, mesmo com tantos esforços e excelentes resultados, precisa continuar a ser contada, ou melhor, assim como a própria história do Brasil, ainda precisamos aprender a contá-la.

É por estas ideias, das histórias que estão sendo contadas e recontadas, que a pretensão deste livro, História de Manga I, é de dar algumas “pinceladas”, como faria um pintor em sua busca de desvelar a realidade, nesta bela e intrigante história.

Por isso, a primeira conexão é com os “manguenses ancestrais”, aqueles que fizeram a história nestes longuíssimos cerca de doze milênios de história.

Esta história foi perturbada, obliterada, vilipendiada pelos invasores luso-brasileiro. Começamos outras histórias sem, no entanto, abandonar as primeiras.

Daí veio o povo reunido na fazenda de Amador Machado, por isso Manga ser primeiro a do Amador; em seguida, cerca de cem anos depois, a Vila de Manga, quando de sua emancipação em 1924; e a partir daí, com as transformações se radicalizando cada vez mais, a cidade de Manga foi ganhando novas formas e contornos que nos escapam, novos sentidos, novas expectativas, novos amanhã, mas sem perde de vistas o passado, sempre provocante e furtivo.

Nestas páginas, breves passagens por histórias que ainda nos esperam, mas que, desde já, nos açulam a perguntar, no afã de responder: quem somos, nós, os manguenses?

MANGA: atual e histórica

Atual

O Município de Manga está localizado no Estado de Minas Gerais; na microrregião de Januária e na mesorregião do Norte de Minas.

Sua área territorial é de 1.950,184 km².

Área urbanizada é de 5,78 km².

População estimada em 2021 de 18.051 pessoas; com densidade demográfica de 10,16 hab./km².

Quanto à educação, a taxa de escolarização de 6 a 14 anos de idade é de 96,4%; possui aproximadamente 3.000 alunos e alunas matriculados, 937 deles no ensino médio; são 279 docentes; 20 escolas que oferecem o ensino fundamental e 4 que oferecem o ensino médio (dados de 2021).

O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é considerado médio: 0,642 (dados de 2010).

Produto Interno Bruto (PIB) per capita é de R\$ 12.358,05.

A mortalidade infantil é 7,02 óbitos por mil nascidos.

Possui 7 estabelecimentos de saúde que atendem pelo Sistema Único de Saúde (SUS).

O clima é semiárido.

Os biomas são: a caatinga e o cerrado.

A altitude média é de 440m.

Tem como Municípios limítrofes: Matias Cardoso, Miravânia, Montalvânia, Juvenília e São João das Missões em Minas Gerais; e Malhada na Bahia.

Histórica

A Vila de Manga, como foi nomeada inicialmente, tem sua origem na fazenda de Amador Machado, fundada no dia 3 de maio, em um ano ainda não identificado da década de 1830.

Até a sua emancipação político-administrativa, em 19 de outubro de 1924, Manga do Amador fazia parte do distrito de São Caetano do Japuré (atual Brejo São Caetano), pertencente ao Município de Januária.

Quando de sua emancipação, Manga possuía uma população de 16.798 habitantes num território de 9.247 km². População predominantemente rural.

Na vila de Manga existiam apenas 250 casas, em 10 ruas e 2 praças.

A Vila de Manga era servida pela farmácia Imaculada Conceição, de propriedade da firma Gonzaga & Pereira e pequenos estabelecimentos comerciais.

Possuía escola primária; as associações: Irmandade do Santíssimo Coração de Jesus, Conferência de São Vicente de Paula, Mães de Família, Sociedade Musical Arthur Bernardes e Manga *Foot-Ball Club*.

Havia apenas uma igrejinha, dedicada a São Sebastião.

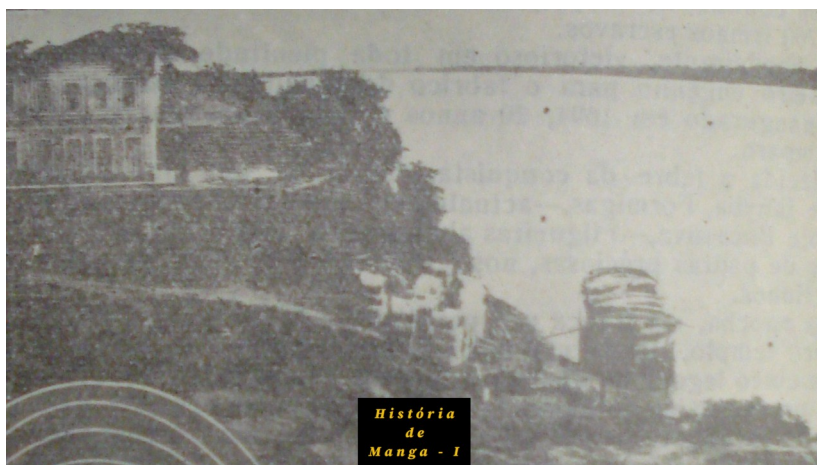


Figura 5: Embarque de algodão no Porto de Manga em 1925. Fonte: SILVA (2010).

O poder municipal era constituído pela Câmara Municipal de Vereadores, que tinha como presidente e chefe do executivo municipal, Anfrísio Gonzaga Lima, irmão do coronel Bembém; pelo poder judiciário, delegacia de polícia, conselho escolar e caixa escolar, e no âmbito federal pela agência dos Correios e Telégrafos e por posto meteorológico.

Em relação à produção econômica, destacavam-se as lavouras de algodão, cana-de-açúcar, mandioca, arroz e outros cereais; na indústria, possuía usinas de beneficiar algodão, arroz e outros produtos; destilação de

aguardente e fabricação de açúcar, rapadura, farinha e cal, entre outros, que eram escoados por meio, sobretudo, do transporte fluvial e pela Estrada Central do Brasil.

MANGA E SUAS ORIGENS

Nós, seres humanos, estamos neste território que hoje abriga também o Município de Manga há cerca de 12.000 anos.

Nesse longo período, estes povos ancestrais criaram sofisticadas tecnologias. Desde o domínio da indústria de elementos naturais, como pedra, madeira, ossos etc., passando pela agricultura, domesticação de animais, cerâmica e conhecimentos químicos, físicos, matemáticos, biológicos e medicinais, entre tantos outros.

Esses povos também se organizaram em sistemas sociais complexos. Resultado foi a perfeita interação desses seres humanos aos ambientes naturais e a reprodução vigorosa de suas sociedades.

Todas essas dinâmicas foram severamente perturbadas e paulatinamente desconstruídas a partir da

chegada dos invasores europeus em meados do século XVI e depois também dos luso-brasileiros, principalmente baianos, paulistas e portugueses, que instalaram os primeiros núcleos de povoamento nesta região a partir da penúltima década do século XVII, em terras habitadas milenarmente pelos povos nativos.

Os “manguenses ancestrais” são os Anaió, que viviam no Vale do Japuré, bem como em vários outros territórios neste Vale do Rio São Francisco. Além deles, também viviam nestas plagas: os Caiapó, os Puri e os Cururu (Vale do Rio Carinhanha). No final da década de 1720, os Xacriabá também vieram morar nesta região. Além desses povos, identificados em documentos de época, outros tantos formavam um mosaico de povos originais; uma das mais densas do Brasil.

No território que hoje é o Município de Manga, o primeiro povoamento feito pelos invasores foi o da Tabua, sob a liderança do português Manuel Nunes Viana; um ano depois da criação do Arraial de Matias Cardoso.

Nas proximidades ficava o porto de acesso. A localidade foi denominada de Manga (atualmente Manga

Velha), dado a quantidade abundante de pastos naturais. Logo tornou-se um pequeno povoado. A existência de muitos cachorros provocou também o epíteto de “Manga dos Cachorros”. No início do século XIX, com a criação de outra Manga, a Manga do Amador (também chamada de Manga Nova, a que viria a se tornar a Cidade de Manga), aquela primeira Manga recebeu o nome de Manga Velha, como ainda permanece em nossos dias.

Aquela Manga dos Cachorros (Manga Velha) também foi a principal via de acesso ao Brejo Grande, depois nomeada de São Caetano do Japuré (atualmente Brejo São Caetano).

Quanto à fazenda que deu origem à Cidade de Manga, esta pertencia a Amador Machado. Desde o seu surgimento, o lugar se destacou por sua posição privilegiada e por ser um dos pontos mais vantajosos no Vale do Rio São Francisco em seu curso médio, o que impulsionou o seu crescimento. O símbolo de sua inauguração é o Cruzeirinho, localizado na elevação mais vistosa (atualmente centro da Cidade).

O explorador inglês R. F. Burton, ao singrar as águas do Rio São Francisco em meados do século XIX,

identificou 16 portas (casas) em Manga do Amador. Disse ele: “Descendo à direita de uma comprida ilha, a Manga do Amador, avistamos a aldeia desse nome, vantajosamente situada no lado ‘pernambucano’. [...] A vantagem dessa localização far-se-á sentir futuramente.”

Outro inglês, J. W. Wells, cerca de duas décadas depois, referiu-se assim sobre Manga do Amador: “O arraial é construído sobre duas elevações, 80 pés acima do rio, e compõe-se de uma velha igreja em ruínas e cerca de cinquenta ou sessenta casas ou ranchos ocupados pelas raças misturadas e de cores variadas do interior: bodes (mulatos), cabras, caboclos e negros. [...] Não vi em todo o povoado nada que assemelhasse a uma pele branca; mesmo os mais próximos indicavam, com seus rostos achatados e cabelo escorrido e preto, sua origem indígena.”

Sobre a igreja existente em Manga do Amador, dado ter sido dedicada a Santo Antônio, tem provocado interpretações equivocadas quanto à outra igreja com nome similar. Trata-se de Santo Antônio da Manga, localizada em São Romão e construída cerca de 100 anos da de Manga do Amador. Foi a de São Romão que

recebeu, ainda no século XVIII, a sede da Freguesia da Manga, antes instalada em São Caetano do Japuré.

Para facilitar o entendimento, é preciso considerar que o nome Manga é de uso recorrente nesta vasta região desde o final do século XVII. Então temos: Manga (Velha, a que foi chamada de Manga dos Cachorros); Manga do Amador (que se tornou Vila de Manga, quando da emancipação e depois a Cidade de Manga); a Freguesia da Manga, divisão eclesiástica pertencente ao bispado de Olinda, Pernambuco; Igreja de Santo Antônio da Manga, localizada em São Romão, entre outros.

Quanto à Manga do Amador, então pertencente ao distrito de São Caetano do Japuré, sua prosperidade econômica e política resultou em torná-la sede do Município desmembrado de Januária.

CRIAÇÃO DO MUNICÍPIO

A emancipação político-administrativa de Manga, ocorrida com a instalação do Município, aconteceu em 19 de outubro de 1924, mediante a Lei Estadual nº 843 de 07 de setembro de 1923. Por esta lei, foram criados, além de Manga, 36 novos municípios em Minas Gerais, bem como vários distritos. Também foram renomeadas localidades e redefinidas certas fronteiras municipais, entre outros.

O movimento político para emancipação de Manga do Amador resultou dos anseios da sociedade local, daquele povo que diuturnamente contribuíam para destacar Manga no Vale do Rio São Francisco. Astutamente, os coronéis Domiciano Partos Filho (Bembém) e João Alves Pereira canalizaram aquela força popular aos seus interesses políticos e econômicos. Estes dois pernambucanos, radicados no

lugar, teriam “herdado” o poder político exercido até então pelo coronel Joaquim Lopo Montalvão.

O primeiro chefe do executivo, cargo equivalente ao de prefeito (criado em 1930) e presidente da Câmara Municipal, foi Anfrísio Gonzaga Lima. Este tomou posse em 31 de outubro de 1924.

A primeira lei de Manga, a Lei nº 1, de 31 de outubro de 1924, trata da organização do Município. O Art. 1º reza: “O município da Vila de Manga, parte integrante do Estado de Minas Gerais, cujo governo econômico ou administrativo é exercido por sua Câmara Municipal, eleita pelo povo como instituição autônoma e inteiramente livre em tudo quanto respeita ao seu peculiar interesse de conformidade com a Constituição e leis do Estado, reger-se-á pelas disposições do presente estatuto.”

Em 16 de junho de 1927 assumiu o poder executivo, Domiciano Pastor Filho. Durante o seu longo mandato, um dos eventos de destaque foi a comemoração do aniversário de Manga. Em 19 de outubro de 1931, por exemplo, se comemorou o sétimo aniversário de emancipação político-administrativa de

Manga. O evento foi registrado em ata da Câmara Municipal de Vereadores:

“Aos dezenove dias do mês de Outubro do ano de mil novecentos e trinta e um, nesta Vila de Manga e no prédio da Prefeitura Municipal, depois de regularmente convocados pelo senhor Prefeito Domiciano Pastor Filho, reuniram-se às dezoito horas, os senhores Augusto Eufrásio da Silva, João Pereira Costa, Francisco José Barbosa, José de Faria Oliveira e José Belém de Souza, membros do Conselho Consultivo deste Município para se celebrar uma sessão cívico-comemorativa do sétimo aniversário de elevação de Manga a categoria de Vila, comparecendo a reunião as autoridades locais, professorado e alunos [...] e milícia legionários, filarmônica e elevado número de pessoas gradas.”

Quanto à inscrição na bandeira do Município de Manga que remete a data de emancipação a 7 de setembro de 1923, trata-se, de fato, da promulgação da Lei Estadual nº 183, como já referido. Neste caso, não é feita a menção ao dia de elevação de Manga à condição de ente autônomo do Estado de Minas Gerais, depois de ser desmembrado do Município de Januária, ou seja, ao

dia que efetivamente o Município de Manga passou a existir.



*Figura 6: Construção da E.E. Presidente Olegário Maciel (1933/34).
Fonte: acervo da Escola.*

A PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX

A emancipação político-administrativa de Manga em 1924 foi, por si mesmo, um momento de ruptura dos mais importantes de toda sua história. A criação do Município trouxe, de forma ainda mais direta, o Estado nacional para o cotidiano dos moradores.

Embora até o final da década de 1950 o poder político tenha permanecido, assim como desde a inauguração da fazenda de Amador Machado, sob os auspícios de coronéis, as mudanças provocadas a partir daquele ano foram substanciais.

Primeiro, a economia capitalista foi substituindo paulatinamente as formas comunitárias de economia. A criação da Companhia Manga e Exportadora S/A (CMIE) exemplifica a pujança por que passou Manga no período. Foi, inclusive, uma das primeiras cidades do Vale do Rio

São Francisco a oferecer iluminação pública para os seus moradores.

Na educação se destacou a inauguração da E.E. Presidente Olegário Maciel, em 1934. A imponência do prédio é um indicativo da importância que a educação tinha e tem para o povo de Manga.

Na área urbana houve um incremento das atividades econômicas e Manga passou a ter, inclusive, uma rua operária, a Travessa 24 de Outubro, reconhecida popularmente como a Rua do Cascavel.

A expansão da área urbana, com o surgimento de bairros e mudanças na arquitetura das casas e prédios comerciais também mostravam o quanto a prosperidade estava presente em Manga.

Carlos Lacerda, um dos mais importantes e influentes políticos brasileiros do período, em visita à Manga, em 1937, destacou que “O grande orgulho de Manga é a luz, realmente superior à de todas as cidades ribeirinhas, produzida por uma bomba de aspirar água do S. Francisco (7 metros de sucção por 35 de elevação), alimentando a caldeira com a capacidade de 8.400 litros por hora.”

Na década de 1950, Vitor Figueira de Freitas também visitou Manga e destacou: “Espera-nos aí, e já quase noite, a alegria de ver tudo em progresso. Magnífico cais, ruas algumas calçadas e com passeios, comércio ativo e bem provido, iluminação elétrica razoável, grande edifício de Hospital construído pela C.V.S.F., à espera de aparelhamento e de médico para ser inaugurado. [...] Sai-se dali com o espírito arejado, principalmente ouvindo nos degraus do cais, a viola e aquelas cantigas de cego, preto velho, velhíssimo, mas não cansado do todo, como talvez o ateste a companheira ao lado, que recolhe os desvalorizados cruzeiros das espórtulas...”

É possível argumentar que as primeiras décadas de existência do Município lançaram fundamentais e importantes bases que projetariam Manga um futuro de destaque na região.

A SEGUNDA METADE DO SÉCULO XX

A vitória para prefeito de Antônio Montalvão na eleição de 3 de outubro de 1958 mudou radicalmente a trajetória política de Manga. Encerrava-se a era dos coronéis e iniciava um período ainda pouco conhecido, ou seja, o período do anticoronelismo.

Antônio Montalvão permaneceu pouco tempo como prefeito de Manga. Em 27 de agosto de 1960 transferiu a Prefeitura e a Câmara de Vereadores para sua fazenda, já um pequeno lugarejo, Barra do Cochá. Essas duas instituições só retornariam para a Cidade de Manga em junho de 1961. Como resultado, Antônio Montalvão criou o Município de Montalvânia.

A partir dali e até 1988, dois movimentos se associaram em Manga: o anticoronelismo e a euforia do “progresso”.

O primeiro remete ao esforço feito pelas novas forças políticas em apagar da história tudo que estivesse vinculado ao período dos coronéis.

O segundo, a onda que tomava conta do país, quando o Brasil se tornou, naquele período, um dos países que mais cresceu economicamente no mundo.

Em Manga foi um período de importantes obras e de expansão territorial e econômica da Cidade e do Município.

A partir de 1988, em face da Constituição Federal, chamada de constituição cidadã, Manga também passa a vivenciar em maior intensidade o estado de bem-estar social.

A universalização dos serviços públicos, o que inclui o aumento da escolaridade, trouxe para o Município novas perspectivas, sobretudo quanto à participação democrática e a superação dos vícios da política baseada em líderes carismáticos ou que se impõem pela violência física e moral.

Nas últimas décadas, sobretudo com o advento da internet, novos desafios têm sido impostos aos moradores de Manga, como, no mais, ocorre em todo

país. Os fenômenos que têm modificado radicalmente as relações sociais, ou seja, as formas como temos organizado nossas sociedades, são desafios incomensuráveis que inevitavelmente os manguenses também necessitam lidar.

Mais uma vez, a história de Manga nos chama a instigar o passado para (re)aprendermos a fazer o presente e o futuro.



Figura 7: Indústrias Reunidas de Manga Ltda. Fonte: domínio público.

O RETORNO DO FUTURO

Em Manga, o passado é teimoso e o futuro é provocador. Foi assim quando essas coisas chamadas de modernidade começaram a circular pela Vila de Manga a partir de 1924; talvez até tenha sido já em Manga do Amador; ou ainda desde a Tabua e Manga dos Cachorros (Manga Velha); arriscaria a dizer que não nos surpreenderíamos de ter sido assim desde 12.000 anos, quando os primeiros habitantes começaram a olhar para o amanhã sem se descuidar um instante do ontem e do eterno agora.

Esse movimento de tomar o passado para fazer o futuro com os ingredientes do presente, o filósofo peruano, Aníbal Quijano, chamou de “o retorno do futuro”.

Trata-se na verdade de movimentos de de(s)colonização, tão necessários nestes presentes que

nos trouxeram até aqui, considerando que o nosso futuro não seja mais alheio as nossas demandas e expectativas.

Manga chegou a “um” futuro: 12.000 anos depois que seus primeiros habitantes começaram a inventar este lugar; depois que os invasores luso-brasileiros obliteraram violentamente aquelas histórias; depois que Amador Machado fez uma fazenda e trouxe essa coisa de tutelar as vontades das maiorias; depois que de um lugarejo pequenininho tornou-se uma cidade sempre em busca de suas histórias.

O retorno do futuro, então, talvez continue a nos espreitar. É possível que esteja na próxima ideia, no próximo movimento, na próxima vez que olhando o passado aprendemos, de fato, a fazer o futuro.

PREFEITOS DE MANGA

Desde 1924, foram 23 mandatos do poder executivo municipal, com 20 prefeitos. No período, os chefes do executivo foram conduzidos ao cargo tanto por nomeação como pelo voto popular. Além disso, também acontecia recorrentemente as substituições, preenchidas pelos vice-prefeitos ou por interinos.

1. Anfrísio Gonzaga Lima (31 out. 1924 a 28 abr. 1927)
2. Domiciano Pastor Filho (16 jun. 1927 a 31 ago. 1942)

* Neste período foi substituído diversas vezes por:

João Pereira Costa

- 1 vez na década de 1920 (sem registro de data)

- 05 abr. 1933 a 04 mai. 1933

- 01 fev. 1934 a 12 abr. 1934

- 01 abr. 1935 a 11 mai. 1935

- 31 mar. 1936 a 08 abr. 1936)

Raimundo Pastor

- 21 set. 1940 a 20 out. 1940

Anfrísio Gonzaga Lima

- 02 mar. 1941 a 15 jul. 1941

3. Anfrísio Gonzaga Lima (01 set. 1942 a 30 jan. 1948)

* Neste período foi substituído por:

Miguel Avelino dos Anjos

- 30 mai. 47 a 31 dez. 1947

4. João Alves Pereira (31 jan. 1948 a 31 jan. 1951)

* Neste período foi substituído por:

Laudelino Luiz de França

- 04 jun. 1948 a 20 jul. 1948

Deoclécio Gonzaga Lima

- 24 jul. 1948 a 20 set. 1948

- 05 jan. 1949 a 25 mar. 1949

- 16 set. 1949 a 20 set. 1949

- 29 mar. 1950 a 01 mai. 1950

5. Raimundo Pastor (01 fev. 1951 a 31 jan. 1955)

6. João Alves Pereira (01 fev. 1955 a 31 jan. 1959)



Figura 8: Os três primeiros prefeitos de Manga: Anfrísio Lima, Domiciano Pastor Filho (Bembém) e João Alves Pereira. Fonte: domínio público (montagem feita pelo autor).

7. Antônio Lopo Montalvão (02 fev. 1959 a 31 jan. 1963)

* Neste período foi substituído por:

Paulo Leão Alkmim

- 29 ago. 1968 a 30 dez. 1962

8. Erasmo Luiz Gonzaga (01 fev. 1963 a 31 jan. 1967)

9. Oswaldo Lopes Bandeira (01 fev. 1967 a 31 jan. 1971)

10. Archimedes Ramos (02 fev. 1971 a 31 jan. 1973)

11. Oswaldo Lopes Bandeira (01 fev. 1973 a 31 jan.

1977)

12. Silvino Pereira Gonçalves (02 fev. 1977 a 31 jan.

1983)

* Neste período foi substituído por:

Élzio Mota Dourado

- 04 fev. 1981 a 31 dez. 1981

13. Élzio Mota Dourado (02 fev. 1983 a 31 dez. 1988)

14. Humberto Sales (01 jan. 1989 a 21 dez. 1991)

15. Élzio Mota Dourado (01 jan. 1992 a 31 dez. 1996)

16. Haroldo Lima Bandeira (01 jan. 1997 a 31 dez. 2000)

17. Haroldo Lima Bandeira (01 jan. 2011 a 31 dez. 2004)

18. Humberto Sales (01 jan. 2005 a maio 2007)

19. Joaquim de Oliveira Sá Filho (maio de 2007 a 31 dez.

2008)

20. Joaquim de Oliveira Sá Filho (01 jan. 2009 a 31 dez.

2013)

21. Anastácio Guedes Saraiva (01 jan. 2013 a 31 dez.

2016)

22. Joaquim de Oliveira Sá Filho (01 jan. 2017 a 31 dez.

2020)

23. Anastácio Guedes Saraiva (01 jan. 2021 -

atualmente)

Em breve: HISTÓRIA DE MANGA II**“TODO MANGUENSE FALANDO INGLÊS”**

Assis Chateaubriand, ou apenas Chatô, como era corriqueiramente conhecido, foi proprietário da Fazenda Associada de Manga, depois transformada em Fazenda Vila Bela, no Arraial do Meio, então pertencente ao Município de Manga e atualmente ao Município de Matias Cardoso.

Chatô criou os Diários Associados, o primeiro e um dos mais importantes conglomerados de comunicação do Brasil. A primeira empresa do grupo, O Jornal, do Rio de Janeiro, foi adquirido em 2 de outubro de 1924, poucos dias antes da emancipação político-administrativa de Manga.

Em visita a Manga - o que acontecia com certa frequência -, quando exercia o cargo de Senador da República do Brasil (1952-1957), Chatô foi recepcionado em um jantar oferecido pelo então prefeito de Manga, Raimundo Pastor (1951-1955).

Na ocasião, em agradecimento às deferências, Chatô professou, entre outras coisas, sobre Manga, que desejava ver “caboclos de smoking bebendo champagne” e “toda a sua população falando inglês”.

Se pra tomar champagne já não é preciso usar smoking, nem falar inglês é coisa de quem usa tal indumentária, o bom é ver todos os ingleses bebendo cachaça, como muitos já fazem, e falando o português das barrancas do Velho Chico.

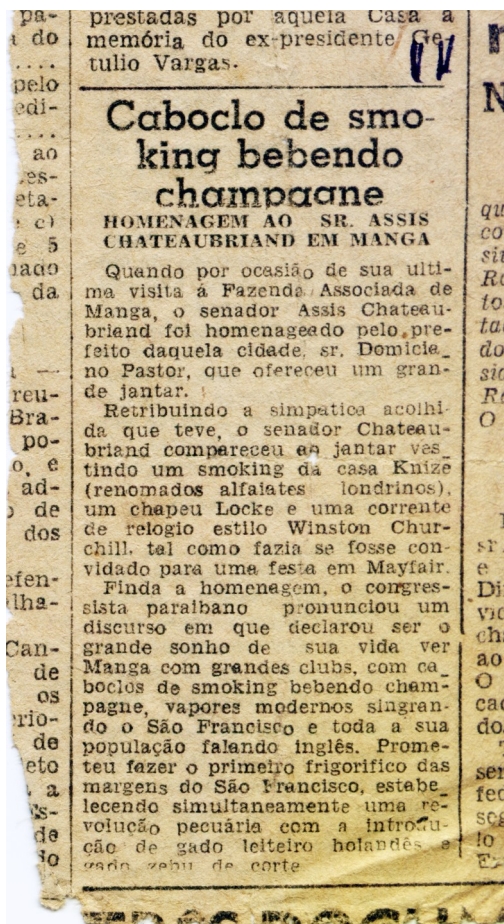


Figura 9: Recorte de jornal de matéria publicada sobre uma visita de Assis Chateaubriand a Manga (provavelmente entre 1954 e 1955). Fonte: arquivos do autor.

REFERÊNCIAS

GLISSANT, Édouard. **Poética da relação**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2021.

MIGNOLO, Walter. **Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar**. 1ª ed. rev. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2020.

QUIJANO, Aníbal. El regreso del futuro y las cuestiones del conocimiento. **Hueso Húmero**, n. 38, p. 3-17, 2001.

SILVA, Paulo Robério Ferreira. A guerra esquecida: os Anaió e os colonizadores na Guerra dos Bárbaros, no Sertão do Rio Francisco, entre 1684 e 1688. **Faces da História**. Assis, SP, v. 8, n. 1, jan./jun., p. 264-284, 2021.

Disponível em:

<https://seer.assis.unesp.br/index.php/facesdahistoria/article/view/1938/1794>

SILVA, Paulo Robério Ferreira; COSTA, João Batista de Almeida. (Des)subalternizar o “brasileiro nativo” na formação da Sociedade dos Currais: crítica ao eurocentrismo a partir da perspectiva decolonial. In: PEREIRA, Denise; ESPÍRITO SANTO, Janaína de Paula do. **Novas possibilidades rumo ao futuro das ciências humanas e suas tecnologias 2**. Ponta Grossa, PR: Atena, 2020, p. 144-157.

Disponível em:

<https://sistema.atenaeditora.com.br/index.php/admin/api/artigo/PDF/39801>

SILVA, Paulo Robério Ferreira; COSTA, João Batista de Almeida. Invenção da subalternidade: o não colonizado em representações dos tapuias produzidos por padres e cronistas do século XVI no Brasil. **Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**. V. 7, n. 1, jan.-abr. p. 1-22, 2021.

Disponível em:

<https://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/2177/1449>

SILVA, Paulo Robério Ferreira. **Manga, encontro com a modernidade**: permanências e rupturas nos modos de vida (1936-1958). Manga: Sapiens, 2010.

TEXTOS ACADÊMICOS DO AUTOR PUBLICADOS EM PERIÓDICOS ESPECIALIZADOS:

SILVA, Paulo Robério Ferreira Silva. A Sociologia histórico-figuracional de Norbert Elias e o objeto científico: tensões e aproximações. **Escritas**. V. 13, n. 1, p. 264-280, 2021.

Disponível em:

<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/escritas/article/view/11726/19181>

SILVA, Paulo Robério Ferreira. O pensamento liminar e a epistemologia da subalternidade: vinculação entre decolonialidade e colonialidade/modernidade. **Revista Humanidade e Inovação**. V. 18, n. 38, p. 89-111.

Disponível em:

<https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/4632/2741>

SILVA, Paulo Robério Ferreira. Da genealogia decolonial à pluriversalidade. **Tensões Mundiais**. V. 8, n. 39, jul. 2021b, p. 295-307.

Disponível em:

<https://revistas.uece.br/index.php/tensoesmundiais/article/view/7566>

CAPÍTULO DE LIVRO:

SILVA, Paulo Robério Ferreira. Colonialidade, modernidade e decolonialidade: em busca do giro decolonial. In: ANTUNES, Aline Ferreira (Org.). **Saberes Tradicionais e Conhecimentos Científicos nas Ciências Humanas 3**. 1 ed. Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2020, p. 181-198.

Disponível em:

<file:///C:/Users/Rob%C3%A9rio/Downloads/colonialidade-modernidade-e-decolonialidade-pela-busca-de-humanidades-negadas.pdf>

NO PRELO:

SILVA, Paulo Robério Ferreira; COSTA, João Batista de Almeida. “**O bárbaro mais bárbaro que o bárbaro**”: a “invenção” do tapuia, do sertão e a formação da sociedade brasileira. In: BRIGHENTI, Clovis; MARCELO, Hernán Venegas. **Histórias, nações e memórias insurgentes**. Foz do Iguaçu, PR: Programa de Pós-Graduação em História; Universidade Federal da Integração Latino-Americana, 2023.

SILVA, Paulo Robério Ferreira. **História de Manga II**.

GALERIA DE IMAGENS



Figura 10: Sobrado do Cruzeiroinho. Fonte: domínio público.

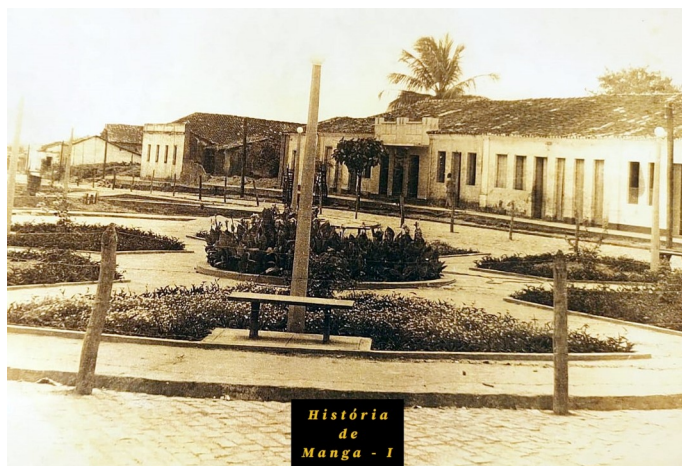


Figura 11: Praça Melo Viana (atual Praça Walter França).
Fonte: domínio público.



Figura 12: Rua do Cascavel (Tv. 24 de Outubro), ao fundo Mercado Público. Fonte: domínio público.



Figura 13: Visita de Assis Chateaubriand e outras autoridades. Fonte: domínio público.

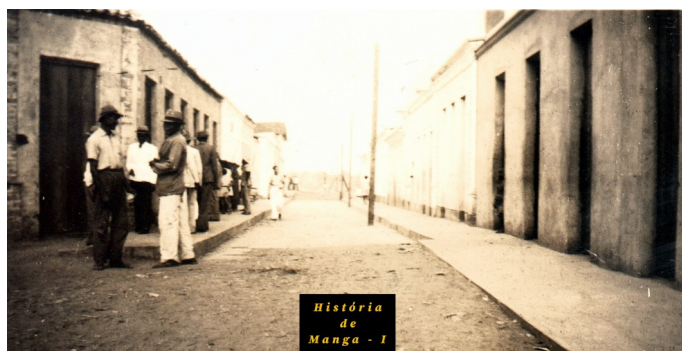


Figura 14: Rua do Bar (atual Getúlio Vargas). A partir da Praça Melo Viana. Fonte: domínio público.



Figura 15: Rua do Bar (a partir do Cais). Fonte: domínio público.



Figura 16: Rua Olegário Maciel (iluminação pública).
Fonte: domínio público.



Figura 17: Rua Olegário Maciel. Fonte: domínio público.

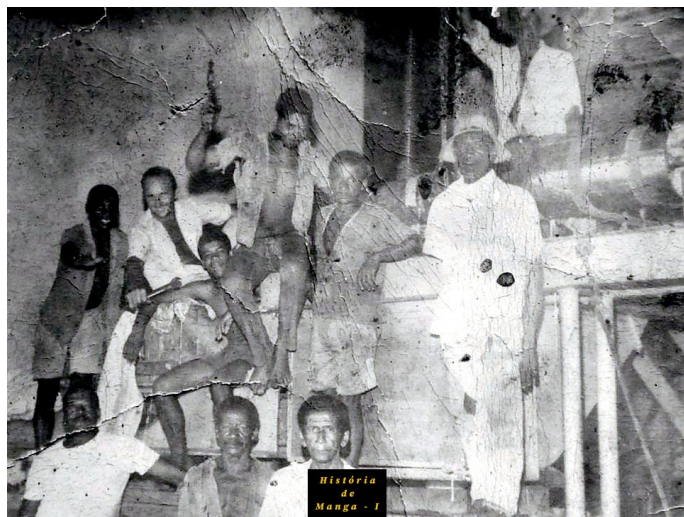
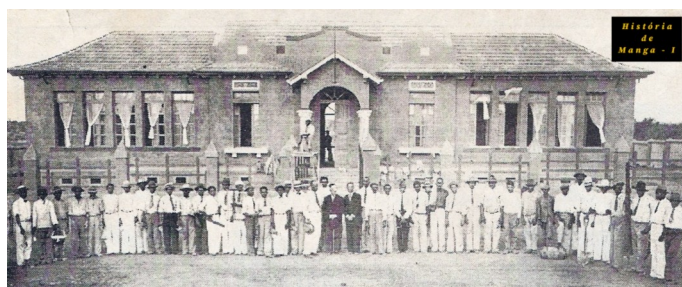


Figura 18: Operário da Cia. Manga. Fonte: família de Seu Felipe.



Figura 19: Banda de Seu Melquiades. Fonte: domínio público.



Inauguração da escola estadual Presidente Olegário Maciel, com presença do então Governador Benedito Valadares

Figura 20: E.E. Presidente Olegário Maciel. Inauguração em 1934. Fonte: domínio público.

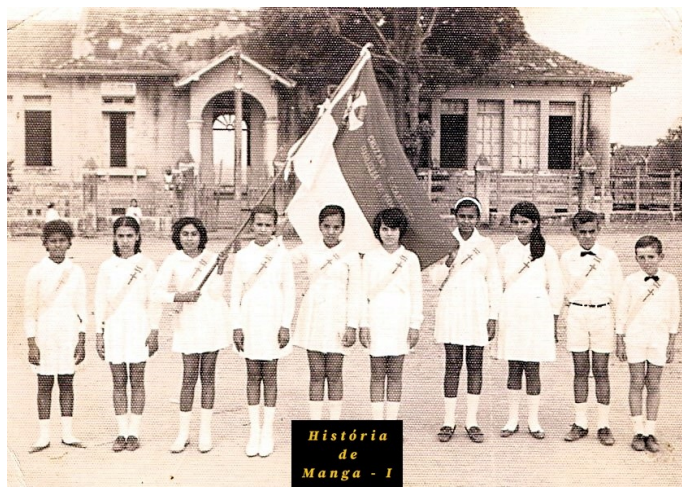


Figura 21: Alunas do Olegário. Fonte: acervo da Escola.



Figura 22: Construção do Cais. Fonte: domínio público.

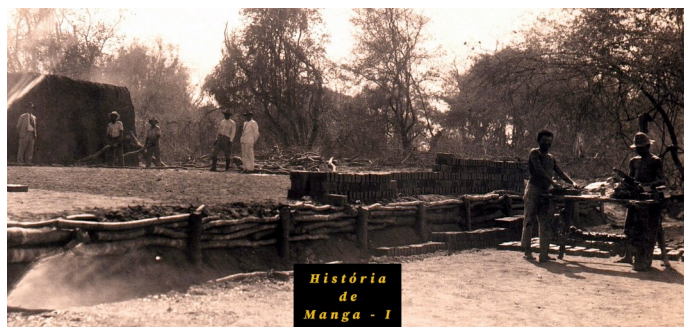


Figura 23: Construção da Cia. Manga. Fonte: domínio público.



Figura 24: Praça da Prefeitura. Ao fundo Mercado Público.
Fonte: domínio público.



Figura 25: Igreja do Brejo São Caetano. Fonte: domínio público.

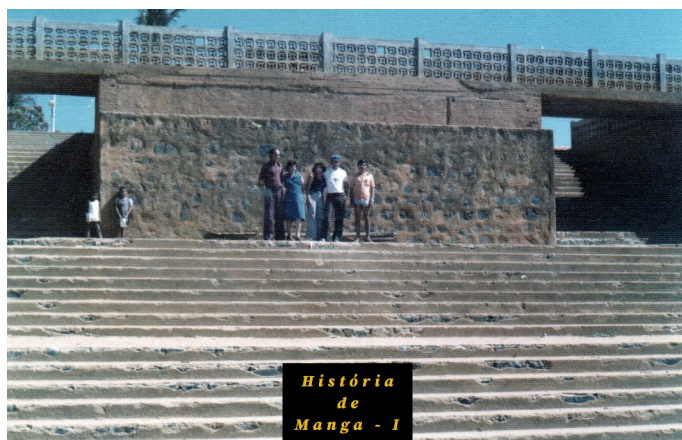


Figura 26: Antigo Cais de Manga. Fonte: domínio público.

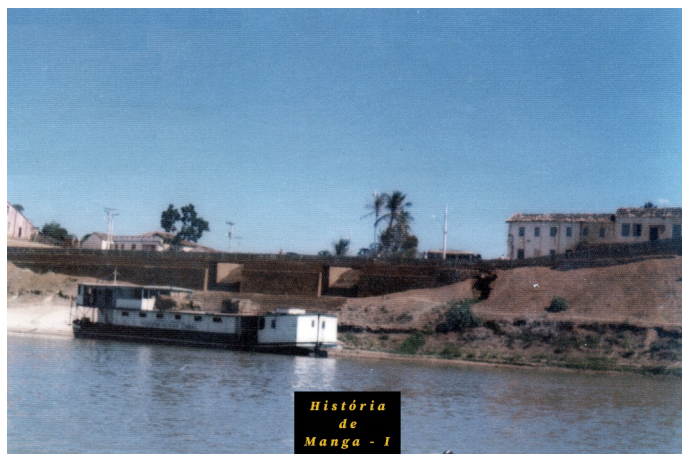


Figura 27: Antigo Cais e embarcação. Fonte: domínio público.

“Manga chegou a “um” futuro: 12.000 anos depois que seus primeiros habitantes começaram a inventar este lugar; depois que os invasores luso-brasileiros obliteraram violentamente aquelas histórias; depois que Amador Machado fez uma fazenda e trouxe essa coisa de tutelar as vontades das maiorias; depois que de um lugarejo pequenininho tornou-se uma cidade sempre em busca de suas histórias.”

Paulo Robério Ferreira Silva

RFB Editora
Home Page: www.rfbeditora.com
Email: adm@rfbeditora.com
WhatsApp: 91 98885-7730
CNPJ: 39.242.488/0001-07
Av. Governador José Malcher, nº 153, Sala 12,
Nazaré, Belém-PA, CEP 66035065

